



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ADLLA EMANUELLE BATISTA DOS SANTOS
REBECA ESTER DE FRANÇA MORAIS**

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS SUJEITOS IDOSOS DA EJA EM DUAS
ESCOLAS ALAGOANAS**

Maceió – AL
2024

ADLLA EMANUELLE BATISTA DOS SANTOS
REBECA ESTER DE FRANÇA MORAIS

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS SUJEITOS IDOSOS DA EJA EM DUAS
ESCOLAS ALAGOANAS**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Me. Andressa Marques Torres

Maceió - AL
2024

MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS SUJEITOS IDOSOS DA EJA EM DUAS ESCOLAS ALAGOANAS

Adlla Emanuelle Batista dos Santos
adlla.santos@cedu.ufal.br

Rebeca Ester de França Moraes
rebeca.morais@cedu.ufal.br

Andresso Marques Torres
andresso.torres@cedu.ufal.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender, por meio das narrativas, as trajetórias escolares da pessoa idosa em duas escolas alagoanas, considerando o movimento pendular de entradas e saídas, tanto no passado, quanto no presente. Partimos da seguinte problemática: *o que narram os sujeitos idosos de duas escolas alagoanas, sobre seus percursos escolares passados e presentes?* Metodologicamente, optamos pela abordagem qualitativa, recorrendo à entrevista narrativa, em que foram abordadas suas histórias pessoais, memórias escolares, desafios e motivações para permanecerem estudando. Os resultados apontaram dificuldades, especificamente financeiras, vividas no período de suas infâncias, revelando o impacto nas trajetórias desses sujeitos, de modo que tiveram o direito à educação negado. Revelou-se, também, a importância das redes de apoio, que os influenciaram a voltar ao âmbito escolar. Para os idosos entrevistados, voltar à escola e permanecer estudando possui sentidos diversos, dentre os quais: a relação entre os sujeitos na escola – professores e colegas, a troca de experiência, o diálogo e a amizade. As narrativas evidenciaram, ainda, que a permanência escolar na velhice está relacionada ao sentimento de realização pessoal e concretização de sonhos.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos-estudantes. EJA. Permanência escolar. Narrativas.

1 INTRODUÇÃO

A escolarização é um percurso significativo na vida do ser humano, sendo marcada pela assimilação e construção de conhecimentos. No entanto, muitas pessoas, sobretudo os idosos¹, sujeitos da nossa pesquisa, não conseguiram iniciar ou concluir esse ciclo em suas vidas por motivos diversos, como será destacado adiante. No que se refere a esses, explicitamos que de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022, o índice de envelhecimento considerando-se a

¹ O Estatuto do Idoso, formalizado como Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, categoriza como “pessoa idosa” homens e mulheres com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

população com 60 anos ou mais chegou a 80,03, com 80 pessoas idosas para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Apesar do crescimento significativo, o sujeito idoso tem encontrado desafios para permanecer ativo na sociedade. Para Bosi (1994, p. 13), “[...] ser velho é lutar para continuar sendo homem”, ou seja, dentre tantos desafios, o idoso precisa encontrar forças para continuar fazendo parte do meio em que está inserido.

Esse sujeito é alguém sempre visto com incapacidades, sem perspectivas e até mesmo inválido. Goldenberg (2020)², faz uma crítica que quando você envelhece não pode mais trabalhar, estudar, namorar, fazer escolhas, você não pode mais existir, ou seja, o idoso é impedido de ter liberdade e assumir papéis sociais. Esse processo de exclusão e privação de direitos resultou na perda de outras vivências, como a oportunidade de uma melhor qualidade de vida.

Dentre tantos empecilhos, durante muito tempo, o idoso enfrentou, também, a negação do direito à educação escolar, sendo esse, assegurado, indistintamente, pela Constituição Federal (CF) de 1988, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que entre seus objetivos está o de assegurar o direito à educação àqueles/as que não o tiveram garantido em tempos passados pelo poder público. Em face do cenário brasileiro, no que refere-se à EJA, consideramos que a CF, como referido, foi um marco importante para assegurar o acesso à escola, de forma que, ainda assim, esse direito não foi garantido em decorrência da ausência de políticas públicas efetivas.

O que por sua vez é reafirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), a qual considera a EJA como uma modalidade de ensino, ofertada para todos que não tiveram acesso aos estudos ou condições de concluir os estudos na idade considerada regular. O documento ainda enfatiza que as instituições deverão assegurar a promoção de oportunidades educacionais apropriadas, pautadas na realidade dos alunos, em seus interesses, suas condições de vida e de trabalho.

No sentido de retratar a importância da discussão sobre os sujeitos da EJA, sobretudo os aspectos que concernem as suas memórias, cujo conteúdo humano realça os interesses e as condições de vida, trazemos elementos do filme brasileiro “Histórias que só existem quando lembradas” (2011), dirigido por Júlia Murat, o qual retrata de maneira significativa a passagem do tempo e os significados da memória de um povo. Pontuamos esse aspecto como imprescindível, consideramos o papel docente face às trajetórias dos sujeitos, marcadas por especificidades de muitas ordens.

² Disponível em: [Mirian Goldenberg: "Envelhecimento no Brasil é visto como morte simbólica" - 03/12/2020 - UOL VivaBem](#) Acesso em: 15 Jun. 2024.

O lugarejo, onde se passa o longa, constituiu-se, no passado, em um próspero espaço-tempo de produção da vida, em que a coletividade era o fio que urdia as relações. No presente, como pode ser visto no desencadear das cenas, há representação distinta da anterior, no qual contracenava a solidão. É visto, por exemplo, a presença marcante de pessoas idosas que possuem no olhar sentimentos de reclusão quando se veem na presença de uma jovem curiosa e questionadora sobre a realidade daqueles sujeitos, a chegada do novo naquele lugar desencadeia embates.

Assim é que as discussões estabelecidas na trama como: o confronto de opiniões, a percepção de tempo, costumes e crenças, são importantes para o diálogo entre as gerações, pois ainda que aparentemente o confronto seja desconfortável, a abdicação do diálogo é conseqüentemente discriminatória (Bosi, 1994). Utilizando-se de metáforas, o longa-metragem nos provoca reflexões acerca da nossa percepção de memória como representação de experiências e sensações vivenciadas, além de meditações sobre a vida.

Diante do filme citado, podemos observar o que diz Bosi (1993, p. 279) acerca da “experiência individual do perceber e do lembrar”. A discussão trazida pela autora trata sobre *memória pura e memória-hábito*, sendo a primeira composta por acontecimentos que possuem um valor significativo para o sujeito, a exemplo da ligação cognitiva dos idosos com o vilarejo, e a segunda adquirida por hábitos que acontecem diariamente, como a rotina repetitiva retratada no filme.

Com base no que foi discutindo, explicitamos que nosso fascínio pelo tema surgiu no sétimo período do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), na disciplina Educação de Jovens e Adultos, ofertada no sétimo período, e ministrada, na época, pelo Prof. Andresso Marques Torres, orientador deste trabalho. Durante o percurso do curso de Pedagogia, esse foi o nosso primeiro contato com a EJA, até então, vista como uma área comum e apenas mais uma opção para seguir a docência. No entanto, em uma de suas aulas, o professor orientou que fizéssemos uma entrevista³ com os jovens, adultos e idosos que fazem parte da EJA, trazendo uma memória da sua trajetória escolar, abordando sobre os desafios enfrentados, os motivos que levaram à interrupção dos estudos e os motivos do retorno e da permanência. Através dessas entrevistas, conseguimos conhecer diferentes narrativas de histórias reais, magníficas, cheias de força de vontade e transformadas pela educação, motivando o interesse por essa área.

³ Através dessas entrevistas, foi possível conhecer os sujeitos da EJA além dos muros da escola, perceber suas singularidades, as memórias que os cercam, suas trajetórias escolares e os desafios vivenciados constantemente, no âmbito educacional e social.

Nesse horizonte, a partir dessa experiência, começamos a nos questionar sobre o que narram os diferentes sujeitos idosos, das escolas alagoanas, sobretudo municipais, acerca dos seus percursos escolares, tanto no passado, quanto no presente. Desse modo, optamos por fazer a pesquisa em escola, em razão da nossa formação concentrar, majoritariamente, em nossas ações nesse espaço. Desse modo, partimos da seguinte problemática: *o que narram os sujeitos idosos de duas escolas alagoanas, sobre seus percursos escolares passados e presentes?* Logo, advém outras questões pertinentes: como a EJA contribui para a vida social e pessoal do sujeito idoso? Quais os motivos que os mobilizam a permanecerem estudando?

Dessa maneira, no sentido de responder a problemática enfatizada, elegemos como objetivo geral: compreender por meio das narrativas, as trajetórias escolares da pessoa idosa em duas escolas alagoanas, considerando o movimento pendular de entradas e saídas, tanto no passado quanto no presente. Especificamente, pretende-se: i) situar as memórias das trajetórias escolares dos idosos da EJA através das narrativas; ii) identificar os motivos que levaram à interrupção dos estudos; iii) analisar os desafios enfrentados na trajetória escolar desses estudantes no presente, destacando o fenômeno da permanência escolar.

Dessa maneira, o presente artigo divide-se em três subseções, além desta introdução. Na primeira, abordamos os procedimentos metodológicos, identificando as fundamentações teóricas que baseiam nosso artigo e o percurso da nossa pesquisa. Em seguida, analisamos as narrativas colhidas dos sujeitos da EJA. Por fim, expomos nossas considerações finais acerca do trabalho realizado.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

O presente estudo sustenta-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa, com base narrativa. Segundo Oliveira (2007, p. 60), a pesquisa qualitativa, por um lado, pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de explicar, em profundidade, o significado e as características dos fenômenos presentes nos cotidianos.

Por outro lado, a pesquisa qualitativa, de base narrativa, pode apontar perspectivas que possibilitem compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências de vida, no nosso caso, os idosos. Além disso, temos a pretensão de abranger tanto a vida, quanto a retomada à jornada escolar desses sujeitos, assim como, os motivos que contribuem para a permanência na EJA, sendo esse o foco deste trabalho. Para tanto, nos fundamentamos nos estudos de Bosi (1993/1994), Goldenberg (2022), Vygotsky (1998), Coura (2008), Freire (1996/1999).

Para alcançar os objetivos e responder, mesmo que parcialmente, a problemática evidenciada na introdução, realizamos duas entrevistas com os sujeitos citados, ou seja, idosos que estão matriculados em turmas de EJA. Sendo assim, tínhamos como intenção, ainda, perceber as ressonâncias e divergências das trajetórias, por isso, os interlocutores são pertencentes a dois municípios alagoanos, são eles: Rio Largo - Povoado Utinga Leão -, e Atalaia - Povoado Olhos D'Água.

O povoado em questão, Utinga Leão, localizado na zona rural de Rio Largo, carrega esse nome devido a usina açucareira de mesmo nome, que fica localizada no povoado, tendo sido inaugurada em 1984. Ao entorno da usina, residem as pessoas que têm relação direta ou indireta com a empresa, de modo que comentam que possuem total suporte de saúde e educação, desde a fundação da usina até os dias atuais. Informações que não conseguimos confirmar, uma vez que não se configurou enquanto objetivo deste trabalho. Nesse lugar, realizamos a entrevista na Escola Municipal de Educação Básica Marieta Leão, a qual visitamos no dia 23 de abril de 2024.

A escola funciona no período diurno, ofertando educação infantil e ensino fundamental, já a EJA é ofertada no período noturno. Ao chegar na escola, fomos muito bem recebidas por toda equipe gestora, sobretudo pelo coordenador da EJA. De início, explicamos sobre o que se tratava a pesquisa, de modo que o percebemos muito empolgado e solícito em nos ajudar, pois conversou acerca do funcionamento da EJA na instituição. Explicou que o calendário escolar da modalidade EJA é organizado por período, de modo que cada período tem duração de 100 dias letivos, com carga horária total de 400 horas, distribuídas em 1º unidade e 2º unidade em cada período.

Após esse primeiro contato, o coordenador fez uma pequena apresentação da escola e das salas de aula, em um momento em que todos os estudantes estavam chegando, fato que nos chamou bastante atenção, uma vez que observamos que todos os alunos estavam chegando muito alegres e pareciam ter uma boa relação entre si, com a equipe da escola e com os professores. O coordenador nos deixou a vontade para nos comunicar com os alunos e relatou que havia um idoso-estudante muito participativo e que poderíamos conversar com ele, o que fizemos.

Nesse sentido, tendo aceitado participar da pesquisa, procedemos com a entrevista com o Sr. Osvaldo de Lima, de 63 anos. Relatou que é casado, tem três filhos e três netos, sendo natural do povoado Utinga Leão. Segundo ele, sempre teve uma vida difícil, pois tinha doze irmãos e passava por muita dificuldade, não tendo chance de estudar, haja vista que a prioridade era trabalhar para comer e apesar das dificuldades, seus pais nunca o permitiram e

seus irmãos passarem fome. No que se refere a sua escolarização, contou que estudou até o primário no Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral, que, segundo ele, foi na época dos velhos, mas teve que sair por causa do trabalho e só conseguiu retornar para escola no tempo presente.

A segunda entrevista, como dissemos, foi no município de Atalaia, zona da mata de alagoas, no povoado Olhos D'Água. Segundo informações disponibilizadas no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Atalaia originou-se no século XVII. Para alguns atalaienses, a cidade recebeu essa denominação pelo fato de suas terras terem sido cenário de luta e resistência na época dos quilombos, onde as tropas que lutavam contra os palmares ficavam de "Atalaia", nome que significa vigilância. No entanto, historiadores defendem que o topônimo foi dado por D. José I, em homenagem ao seu amigo Visconde de Atalaia. A cidade já foi nomeada como Vila Real de Bragança e Arraial dos Palmares, mas por fim em documentos oficiais no ano de 1891 foi institucionalizada como cidade de Atalaia. Enquanto quarto núcleo de povoamento em Alagoas, também é considerada a cidade-mãe de outros municípios, como: Capela; Murici; e União dos Palmares.

Em se tratando do povoado Olhos D'Água, contexto da investigação, esse possui como característica as plantações de cana-de-açúcar e eucalipto. Sendo assim, os atalaienses que residem no povoado, possuem ou possuíram em outra época de suas vidas, algum vínculo econômico com a economia agrícola (cana-de-açúcar).

O lócus da pesquisa, no contexto referido, foi a Escola Municipal Padre Medeiros Neto, onde estivemos no dia 21 de maio de 2024. A instituição é mantida pela prefeitura de Atalaia, possuindo configuração no que concerne à oferta: ensino diurno para crianças e noturno para a EJA. Os dados coletados na escola asseveram que a instituição possui um total de 123 alunos matriculados na EJA, sendo organizada em turmas do 1º ao 8º período – anos iniciais e finais do ensino fundamental. Observamos que seis docentes estão atuando nesta modalidade. De acordo com a equipe gestora, mensalmente, a escola oferece formação continuada para os professores.

Abrimos um parênteses para dizer que durante o percurso para chegar à escola, estivemos atentas ao trajeto para a chegada no povoado, de modo que pudemos perceber a forte presença de eucaliptos, as características das ruas e a movimentação das pessoas que moram na região.

A equipe, em geral, demonstrou prazer em nos receber e se mostrou disponível para cooperar no que fosse possível para o sucesso desta pesquisa. Após isso, tivemos um momento de diálogo com a gestão. Durante a conversa, pudemos esclarecer nossos objetivos

e os intuitos da pesquisa, bem como sanar nossas dúvidas sobre o funcionamento da EJA, a frequência e os desafios diários, além de discutir sobre os projetos desenvolvidos pela escola, a fim de incentivar esse público. Entre eles, convém ressaltar o programa de busca ativa nas ruas, citado pela gestora, em que os profissionais da educação vão em busca daqueles que estão fora da escola.

Em seguida, a diretora nos levou até as salas de aulas para nos apresentar. Nesse momento, fomos acolhidas pelos alunos que demonstraram alegria em nos receber e interesse sobre o que iríamos fazer; isso foi gratificante. Explicamos para a coordenação o perfil de aluno a qual a entrevista seria destinada, assim a coordenadora convidou o estudante Antônio da Silva para participar da entrevista. Esse sujeito tem 62 anos de idade, civilmente solteiro, mas possui um relacionamento estável com sua companheira de vida. Falou sobre sua trajetória, rotina cotidiana e sobre suas percepções sobre alguns assuntos relacionados à educação.

Segundo ele, sua infância foi marcada por tempos difíceis, uma vez que começou o trabalho no campo aos 8 anos de idade, para que assim pudesse ajudar seus pais nas obrigações de casa, sentindo-se responsável, já que era o filho mais velho entre os doze irmãos. Nesse tempo, ainda morava na cidade de Quebrangulo-AL. Apesar de ser assegurado por lei, pelo menos as primeiras séries, o acesso à escola era um privilégio que poucos tinham na época, de modo que Antônio relata que parou de estudar na quarta série, participou do movimento Mobral, assim como o interlocutor anterior, e que sempre foi um aluno dedicado e com médias altas. No entanto, seu acesso à educação foi restrito, quando mais novo chegou a pagar para ter aulas e foi assim que conseguiu aprender a assinar seu nome. Mas devido às necessidades financeiras, priorizou o trabalho e deixou a escola.

Contudo, durante nosso diálogo, percebemos o quanto ele reconhece a importância da educação escolar como instrumento importante para o desenvolvimento dos sujeitos de uma sociedade. Em relação a sua volta para escola, Antônio relata que além da própria força de vontade, recebeu incentivos da família e da coordenadora da escola para retornar e concluir seus estudos. Em sua fala, evidencia-se o sentimento de gratidão pelos professores e por todos os profissionais que atuam no âmbito escolar.

Ambas entrevistas enriqueceram nossa perspectiva sobre a importância da Educação de Jovens e Adultos, nos levando a compreender os sujeitos desta modalidade como pessoas que possuem uma história, uma bagagem de experiência, valores, princípios e crenças que infelizmente, por vezes, não são levadas em conta pelo mundo moderno.

3 O IDOSO E A ESCOLA: MEMÓRIAS E PERMANÊNCIA ESCOLAR

A educação formal é uma poderosa ferramenta de transformação individual e coletiva, sendo assegurada constitucionalmente como um direito de todos e dever do Estado. No entanto, sujeitos como os entrevistados para o âmbito deste trabalho, por razões diversas, como veremos, não conseguiram concluir a etapa educativa em tempos passados e retornam a jornada escolar ou procuram à escola pela primeira vez, com o desejo de aprender.

Nesse sentido, o idoso também goza do direito à educação, conforme assevera o Estatuto do Idoso, formalizado pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, de modo que em seu Art. 21 dispõe: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”.

Compreendemos que o acesso e permanência na escola não é uma tarefa fácil, sobretudo na perspectiva dos idosos, que possuem uma imagem de esquecimento e incapacidade perante a sociedade. Nesse sentido, concordamos com Bosi (1994), quando afirma que a sociedade atual os rejeita, ao mesmo tempo em que os priva de sua liberdade e os tenta convencer a ceder lugar aos mais jovens. Assim, percebe-se que a negação do idoso atrelada à insegurança de retornar à escola, acarreta, muitas vezes, a um novo insucesso escolar, fazendo-se necessário pensar não apenas na volta do sujeito à escola, mas também em caminhos para sua permanência, para que a escola seja um espaço que atenda às suas necessidades como pessoas e não apenas como estudantes.

Nesta seção, abordaremos as narrativas dos estudantes idosos da EJA, contemplando suas memórias escolares e os motivos que os levam a permanecer na escola, respectivamente. Analisando, assim, as características individuais e sociais de cada sujeito, de acordo com a sua realidade e trajetória de vida.

3.1 Memórias escolares: perspectivas dos idosos-estudantes

A memória, segundo Bosi (1993, p. 281), é “[...] um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.”, ou seja, ninguém é capaz de

descrever a memória do outro senão aquele que a vivenciou. A memória possibilita o vínculo com o pretérito, que ao ser recordado é ressignificado de acordo com contexto do presente. Assim, buscamos compreender por meio das narrativas dos idosos, os motivos que levaram à interrupção da etapa escolar, assim como, fazer uma escuta ativa das experiências partilhadas por eles durante suas trajetórias de vida.

Essas memórias, ainda de acordo com Bosi (1994, p. 44), são a “[...] narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”. Nesse sentido, o idoso assume um papel muito importante na formação da sociedade, pois eternizam lembranças de caráter individual e coletivo, trazendo novas experiências e sentimentos para aqueles que escutam, de forma implicada, suas narrativas.

O envelhecer faz parte do ciclo biológico do ser humano, mas a sociedade contemporânea rejeita essa etapa da vida e reduz o idoso apenas como um ser humano repleto de limitações e incapacidades, sendo excluídos cada vez mais e vivendo uma vida estagnada, sem liberdade. No entanto, ao contrário do que se pensa, essa fase é repleta de potencialidades e experiências singulares. Goldenberg (2022), com quem concordamos, enaltece e valoriza essa fase da vida, como sendo uma fase de beleza, de liberdade, de felicidade, diante de tantos momentos vivenciados ao longo da vida.

Considerando o exposto, nosso primeiro narrador, Osvaldo de Lima, de 63 anos, relata um pouco dos desafios da sua trajetória escolar:

[...] naquele tempo meu pai não podia né com a gente, muito filho, não tinha tempo e nem ele podia botar a gente na escola, doze filho pra dar de comer, naquele tempo era boca quente mermo. Minha mãe se virava nos trinta pra dá de comer a gente mais meu pai [...]. (Osvaldo, 63 anos).

Nessa mesma perspectiva, o segundo entrevistado, Antônio da Silva, de 62 anos, narrou que:

Eu não consegui estudar em escola pública porque na época pra gente lá não tinha, porque eu morava no sítio não era na cidade [...] Aí no meu caso eu trabalhava pelo dia e a noite tinha uma professora lá que ensinava particular e a gente arrumava um troquinho pagava a ela a noite pra aprender alguma coisa, foi assim que eu consegui aprender a assinar o nome ne, força de vontade ne. (Antônio, 62 anos).

Diante dessas duas narrativas, percebemos a vida árdua e a situação limite desses dois sujeitos, sobretudo quando crianças, que não tiveram seus direitos básicos garantidos, como o acesso à educação, que é um direito fundamental para o processo de desenvolvimento individual e coletivo, bem como o direito à alimentação, lazer, saúde, assistência, ou seja, políticas que possibilitariam viver de forma digna.

No que se refere à educação, a Constituição Federal de 1988 ressalta-a como sendo um direito de todos e dever do Estado e da família, no entanto, quando se observa essas vivências,

percebe-se que muitos direitos foram e continuam sendo violados. É preciso enfatizar, ainda, que a perspectiva do direito aludida, chega tardiamente aos sujeitos, que quando crianças não o vivenciaram em nenhum dos aspectos mencionados.

Esses sujeitos tiveram que trabalhar de forma muito precoce, para auxiliar seus pais e seus irmãos. Essa realidade está diretamente ligada à situação socioeconômica dos grupos sociais mais vulneráveis, que são privados e desamparados de uma vida digna.

Oswaldo (63 anos) relatou que desde cedo já trabalhava para ajudar seus pais, em consequência da grande quantidade de irmãos e a dificuldade na alimentação do seu grupo familiar. Narrativa muito parecida com a de Antônio (62 anos), que teve uma infância muito difícil e por ser o mais velho de doze irmãos, por volta dos oito anos já estava trabalhando no campo com o seu pai, manuseando uma enxada⁴ e um arado⁵. Ele expõe a dificuldade daquela época:

Na época era tudo difícil, alimentação era uma tristeza só, gosto nem de pensar, sabe porque, porque minha mãe muitas das vezes chegava a dividir um ovo pra 4 pessoas, 4 filhos, você pegar um ovo e abrir no meio, isso eu passei por isso e via, como eu era o mais velho eu sempre via ela lá agoniada, era muito difícil, tinha dia que nem tinha alimentação (Antônio, 62 anos).

Percebe-se que quando crianças, esses idosos não tiveram nenhum suporte legal, pois suas narrativas evidenciam as dificuldades que passaram na infância e na juventude, tendo que optar pelo trabalho em vez dos estudos, pois a alimentação se fazia mais urgente e necessária. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado somente em 1990, em seu Art. 60 dispõe: “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade”, no entanto, esses sujeitos não alcançaram tal direito, sendo expostos a situações de extrema vulnerabilidade.

Fica explícito que a escola, enquanto espaço de interação e aprendizagem, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psicológico da criança. Segundo Vygotsky (1998, p. 117-118), com quem concordamos, “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”, ou seja, o ambiente escolar possibilita avanços de aprendizagem que só são possíveis com a intervenção pedagógica, a qual esses sujeitos não foram contemplados na infância.

Considerando as narrativas, compreende-se que os dois entrevistados fizeram parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral/1967-1985), Antônio (62 anos), expõe:

⁴ Ferramenta que contém uma lâmina afiada na ponta, presa por um cabo de madeira, muito usada para capinar, misturar massa, concretos etc.

⁵ Ferramenta agrícola usada no preparo da terra que vai ser plantada.

“antigamente tinha uns livros chamado nordeste, a gente chamava Mobral, aí eu parei no quarto ano, chamava quarto ano na época”. Notamos, em sua fala, uma relação de envolvimento entre os fatos do passado com os do presente, pois ele menciona “quarto ano”, quando na verdade seria “quarta série”, fato que abordamos anteriormente, em que a memória do sujeito sofre uma ressignificação de acordo com contexto do presente.

Nessa mesma perspectiva, Osvaldo (63 anos) relata:

Eu estudei na mobral logo né, foi a noite, foi, quando tinha naquele tempo né, foi nos tempos dos véio, aí os parentes não podia butar a gente na escola né, que tinha muito filho né, naquele tempo né doze filho pra um pai só criar. (Osvaldo, 63 anos).

O Mobral foi criado no período ditatorial, quando o governo assumiu o controle da alfabetização de adultos, com o objetivo de erradicar o analfabetismo no país. Segundo Macêdo (2014, p. 19), “A ditadura militar, implantada no Brasil a partir de 1964, trouxe muitas consequências e transformações na área da educação. Priorizou-se a educação tecnicista, a fim de atender às necessidades da industrialização crescente no país”, ou seja, os indivíduos eram submetidos a aprender a ler e escrever de forma mecânica, pois assim, estavam preparados para o mercado de trabalho. Osvaldo (63 anos), relembra um pouco sobre o Movimento:

O que eu lembro era que naquela época na realidade era tudo diferente de hoje, se a gente pegar um livro daqueles vocês iam ver porque eu acredito eu não sei se vocês já viram um livro daquele, mas é totalmente diferente das coisas de hoje, tudo é diferente a matemática daquela época era diferente, era tudo diferente. (Osvaldo, 63 anos).

Nota-se que a educação do Mobral, estava voltada somente para formação de indivíduos qualificados para o pleno desenvolvimento do país, em que esses educandos apenas aprendiam técnicas de leitura, escrita e cálculos matemáticos, sem uma intenção educacional, gerando consequências no que concerne a formação integral do sujeito.

Percebemos nessas narrativas, carregadas de emoções e significados, que os desafios da trajetória escolar naquela época eram diversos, mas também deixam evidente, o sonho desses sujeitos em aprender e experienciar dias melhores. Em sua fala, Osvaldo (63 anos), destaca que seu maior sonho de infância é aprender a ler, escrever e assinar seu nome, pois já alcançou todos os seus objetivos de vida, inclusive a aposentadoria. Para Coura (2008, p. 4), “É preciso um elemento mais forte, que venha do interior de cada uma dessas pessoas. É preciso sonhar, desejar esta escolarização”.

Osvaldo (63 anos) relata que ninguém o incentivou a voltar a estudar. Comentou que ele e sua esposa decidiram retornar à escola por conta própria, pois o anseio na

aprendizagem falava mais alto. Segundo ele, gosta muito de participar das aulas e responder aos questionamentos feitos pelos professores e está sempre disposto a ajudar seus colegas nas atividades, inclusive sua esposa. Esse trecho de sua fala, reafirma a perspectiva de Coura (2008), em que é preciso desejar a escolarização.

Essas memórias também reforçam o quanto o direito à educação não foi alcançado de forma plena por esses indivíduos, fazendo com que fossem privados de uma melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, sofressem um processo intenso de invisibilidade social. Posto isso, faz-se necessário pensar não apenas no acesso dos idosos à escola, mas nas diversas formas com que esses sujeitos permanecerem nesse ambiente, fazendo com que esse lugar de exclusão, vivenciado durante tanto tempo, seja vivido.

Na subseção a seguir, abordaremos acerca das vivências e sentidos atribuídos pelos sujeitos idosos à escola, sobretudo, identificando os motivos que os levam a permanecer na jornada escolar, visto que essa atividade foi interrompida em tempos passados.

3.2 O idoso e a permanência escolar

No decorrer dos últimos anos, o crescimento da população idosa no Brasil nos leva a pensar de que modo essas pessoas têm chegado à terceira idade e principalmente, quais condições a sociedade que valoriza a leitura e a escrita tem proporcionado aos que não conseguiram escolarizar-se no tempo considerado apropriado. Por sua vez, a Educação de Jovens e Adultos oferece ao idoso a possibilidade de se sentir participativo nas práticas sociais, mas o retorno à escola é marcado por variáveis e aspectos que podem influenciar de maneira significativa sua permanência. Diante disso, na atual seção discorreremos a respeito das narrativas dos idosos no que tange às percepções sobre a EJA, os desafios cotidianos e os estímulos que induzem à permanência escolar.

No que concerne às motivações dos estudantes para o retorno ao âmbito escolar, as narrativas dos entrevistados sublinham o sentimento de realização pessoal, atrelado ao reconhecimento da educação como importante ferramenta social que pode possibilitar o desenvolvimento integral do sujeito, proporcionando qualidade de vida e bem estar físico e mental. Ao ser indagado sobre a importância dos estudos, Antônio (62 anos) relata:

Ah é muito bom, sempre eu digo pra mim não tem coisa melhor, quer dizer melhor é Deus, mas pra gente o estudo é fundamental, é uma coisa que a gente só vai conseguir uma coisa melhor se tiver um estudo, hoje em dia se você não fizer não fizer o estudo, não se formar, você não vai conseguir chegar a lugar nenhum. (Antônio, 62 anos).

Os idosos, mesmo com uma visão romântica acerca da escola, procuram-na na

esperança de aprimorar seus conhecimentos, adquirir novas aprendizagens e superar obstáculos sociais atribuídos ao envelhecimento. As adversidades e os impasses vivenciados ao longo da vida despertam nesses sujeitos o desejo de voltar para o processo de escolarização e assim concretizar o desejo guardado desde a infância e juventude. Essa volta à escola, provoca o sentimento de satisfação e contentamento com sua própria história, visto que, na visão desses educandos, a educação é o meio de garantir qualidade de vida, sucesso profissional e realização pessoal, seja na geração passada ou futura.

Sabe-se que no contexto da EJA, o retorno dos idosos para o âmbito escolar, desencadeia, em alguns momentos, preconceito e julgamentos oriundos de uma sociedade padronizada, moderna e letrada, que nega a existência dos sujeitos não escolarizados. Conseqüentemente, ao viver esta história de exclusão, os sujeitos acabam sendo desestimulados a acreditar que é possível o sucesso na vida escolar. A sociedade impõe sobre esses sujeitos uma pressão de que a falta de conhecimento com a leitura e a escrita é um resultado de um sujeito incapaz, sem valor, estagnado, inválido, contribuindo para que os próprios educandos passem a pensar dessa forma e ignorem que são um ser com vivências, com conhecimentos, com valores que ultrapassam os muros da escola.

Tendo em vista a narrativa de Antônio (62 anos), estudante da Escola Pedro Medeiros Neto, a motivação da filha foi importante para seu retorno, conforme comentou: “a minha filha incentivou, a minha filha tava morando em Maceió e meu filho morando aqui, mas era na casa dele sabe aí ele disse o senhor vai voltar a estudar é painho, vá” (Antônio, 62 anos). Nesse sentido, compreendemos que a família torna-se fundamental para que o sujeito volte à escolarização, constituindo-se em instituição “incentivadora e motivadora” (Both, 2006), contribuindo de maneira positiva por meio do incentivo.

Diante das narrativas, entendemos que o incentivo externo é importante, porém ressaltamos que apenas ele não é suficiente para manter a permanência do idoso na escola. Nessa direção, Osvaldo (63 anos) remete em sua fala o significado que a escola e a educação possuem:

É um sonho né, aprender a ler, a vontade que eu tenho só é essa, naquele tempo meu pai não podia né com a gente, muito filho, não tinha tempo e nem ele podia botar a gente na escola, doze filho pra dar de comer, naquele tempo era boca quente mermo. Minha mãe se virava nos trinta pra da de comer a gente mas meu pai, mas foi bom, nós nunca demo pra roubar nada de ninguém, nem apanhamos na rua , o importante é isso né (Osvaldo, 63 anos).

Osvaldo (63 anos), em sua narrativa, evidencia que para o educando idoso a

oportunidade de estar na escola não possibilita apenas aprendizado ou inserção nas práticas sociais, significa realizar-se. Sendo assim, através de sua fala, percebe-se que para esses idosos permanecerem na escola é necessário mais que a disponibilidade de tempo ou facilidade de acesso, é preciso um incentivo interno, um anseio, um sonho de estar escolarizado. Sobre a importância dos sonhos, Freire (2001, p. 13) afirma:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma boa conotação da forma histórico-social de estar no mundo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.

Nesse sentido, compreendemos o sonho como algo subjetivo, pessoal e natural de cada sujeito, capaz de impulsioná-lo e incentivá-lo a buscar seus objetivos e seus desejos. O que nos faz concordar com Coura (2008) “Sonhar é, portanto, um importante constitutivo da natureza humana que nos impulsiona a viver. A todos os seres humanos, seja em qualquer etapa da vida em que se encontre, a motivação e os sonhos são necessários”. Portanto, para esses idosos estudantes, as expectativas provocam uma ação, e neste caso, a ação de permanecer estudando apesar dos desafios enfrentados.

O trabalho educativo, viabiliza a desconstrução de estereótipos equivocados que referem-se à velhice como uma delimitação para o fim da vida, uma etapa sem perspectivas ou vinculada com a fragilidade e vulnerabilidade do sujeito, com idealizações que retratam percepções de doença, saúde e cuidado. Sendo assim, o ato educativo torna-se desafiador tanto para o educando idoso, quanto para a instituição de ensino e corpo docente - por vezes carentes de formação continuada para trabalhar com este público -, que deve desenvolver materiais didáticos específicos que objetivem o estímulo e participação da turma para a aquisição de conhecimentos, inclusão e sobretudo uma consciência crítica sobre o envelhecimento de maneira produtiva e não estagnada. Para que tal objetivo seja alcançado, é necessário um apoio por parte do poder público para adequação dos currículos, como garantido por lei. Na perspectiva de Pereira (2012, p. 37), é dever da EJA proporcionar ao estudante da terceira idade:

[...] uma educação que se comprometa com a libertação do passado opressor (escolaridade negada na infância e juventude) e com o presente opressor (uma velhice maltratada, espoliada, vitimizada, estigmatizada) dessas pessoas nessa fase da vida estará presente na superação dessas situações-limites de ontem e de hoje, vivenciadas por esses sujeitos, nas quais eles foram e são coisificados, para com eles reinventar formas mais

livres e justas de ser e estar no mundo.

Sendo assim, é importante que a escola seja um ambiente acolhedor, onde o idoso aproxime-se de suas experiências cotidianas e aprenda de maneira prazerosa. Isso requer uma ação pedagógica baseada em teorias que valorizam as diferentes histórias de vidas, os diferentes ritmos de aprendizagem, os comportamentos, a cultura, a bagagem de experiências que intrinsecamente fazem parte da vida dos idosos que estão inseridos nessa modalidade de ensino. Desse modo, no que se refere aos aspectos internos da escola, pode-se entender que as práticas pedagógicas podem possibilitar uma experiência rica, baseada nos aspectos da vida vivida.

Nesse sentido, o atalaiense Antônio (62 anos), que ao longo da vida trabalhou como pedreiro, enfatiza que usava a matemática diariamente para os orçamentos das obras e por isso, as aulas de matemática tornam-se mais prazerosas e instigantes. Em suas palavras afirma:

O nosso professor de matemática ele dá algumas aulas que cai na minha área né, metragem, soma, metragem que eu falo é no modo geral, você tem o tamanho né, tem a altura, largura essa coisas né e aí é importante né porque como a gente trabalha com isso aí, já tem uma noção (Antônio, 62 anos).

Nesse ínterim, nos convém mencionar o trabalho docente como um dos responsáveis por estimular a sociabilidade, instigar o diálogo, incentivar e encorajar, quando feito com dedicação e intencionalidade pedagógica. Além disso, observa-se a relação com o saber do interlocutor, que sentia-se pertencente ao lugar pelo fato de que o professor aborda conteúdos que ele domina por meio da matemática da vida. Esse fato nos faz lembrar Freire (1967, p. 97), quando diz que: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” Sendo assim, entendemos como significativo o papel do professor para o educando, como podemos perceber na fala do entrevistado a seguir:

Pra mim, a escola é uma coisa que não tem explicação, porque se não tiver a escola, o professor ele devia ser bem tratado, o professor não devia ganhar esse salário que ganha não, deveria ser bem pago e bem respeitado, depois dos nossos pais é os professores né, porque com os professor você é alguém (Antônio, 62 anos).

Diante da supervalorização do trabalho docente, percebida na fala dos entrevistados, ressaltamos como imprescindível que sua prática tenha o objetivo de direcionar o processo de ensino, de modo que, o estudante idoso sinta-se capaz de reconstruir, construir e, principalmente, se enxergar como sujeito histórico, consciente, transformador e interventor da

sua realidade. Conforme Freire (1996, p. 23): “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Os recortes das falas em seus contextos orais, evidenciam que as narrativas dos idosos entrevistados exprimem uma boa relação com a comunidade escolar. Por isso, reconhecemos a importância destas relações como outro fator representativo para incentivar a permanência da pessoa idosa na escola. Para Osvaldo (63 anos), esse ambiente não proporciona apenas aprendizado, mas também sociabilidade e alegria: “A gente faz amizade com todo mundo né, tem cara feia com ninguém não. A alegria, a amizade e o respeito a gente vai longe né”. Comprovando a relevância e a influência destes aspectos ele ainda acrescenta: “É importante, é uma animação também né, com os amigos, a gente brinca e se diverte. É tudo filho da terra mesmo”. Nesse sentido, Fonseca (2005, p. 325), com quem concordamos, destaca:

Como grupo sociocultural, os alunos da EJA têm perspectivas e expectativas, demandas e contribuições, desafios e desejos próprios em relação à educação escolar. Em particular, nas interações que têm lugar, ocasião e estrutura oportunizada pelo contexto escolar e, mais do que isso, num contexto de retomada da vida escolar os sujeitos tendem a privilegiar os modos de relação com a escola que possam ser social e culturalmente compartilhados e, a partir desse marco sociocultural, valorizados.

Assim sendo, educação na velhice é um meio de interação social, a relação entre os sujeitos que estão presentes no âmbito escolar promove troca de experiências, diálogo, amizade e significado para o estudante idoso. As narrativas revelaram que como apontado por Pereira (2012, p. 31): “[...] para esses idosos frequentar a escola significa a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, aprender coisas novas, alargar seus relacionamentos, melhorar a qualidade de vida, a autonomia e a autoestima”.

Sendo assim, a rotina escolar por eles mencionada torna-se prazerosa, devido a sua inserção na cultura, os relacionamentos estabelecidos entre os sujeitos, as atividades que os fazem seres ativos e principalmente o sentimento de realização pessoal. De modo que, esses fatores implicam na sua constância nas aulas e assim, na permanência escolar, como apontado por um dos idosos entrevistados: “eu sempre tô vindo pra escola se eu faltar um dia eu acho que tá faltando alguma coisa eu sou assim” (Antônio, 2024).

Parafraseando Coura (2008), compreendemos que esse percurso de volta ao âmbito escolar é marcado por desafios, medos e expectativas, mas que acima de qualquer dessas questões triunfa o desejo da qualidade de vida, maior participação social, superação e concretização de sonhos.

Sob essa ótica, consideramos que a educação escolar pode promover condições e oportunidades para um processo de envelhecimento ativo, tendo em vista a inserção do idoso nas práticas sociais que a escola proporciona, rompendo com as desigualdades e discriminações enfrentadas por esse público devido à faixa etária, oferecendo-lhes de volta o direito antes negado do acesso à educação. Entendemos que cada estudante idoso entrevistado possui sua história, enfrentou desafios, mas que com força de vontade e incentivo, voltou a trilhar o caminho da escola e que, certamente, concluirá com êxito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizamos neste artigo: *o que narram os sujeitos idosos de duas escolas alagoanas, sobre seus percursos escolares passados e presentes?* Para responder a tal questão, partimos da abordagem de pesquisa qualitativa com base narrativa, em que entrevistamos dois sujeitos idosos matriculados em escolas públicas dos municípios de Rio Largo e Atalaia, respectivamente.

No que se refere aos objetivos, buscamos, de modo geral: compreender por meio das narrativas, as memórias das trajetórias escolares dos sujeitos idosos da EJA, residentes no município de Rio Largo e Atalaia, considerando o movimento pendular de entradas e saídas, tanto no passado quanto no presente, bem como as razões para permanecer estudando. Quanto aos objetivos específicos, intencionamos i) situar as memórias das trajetórias escolares dos idosos da EJA através das narrativas; ii) identificar os motivos que levaram à interrupção dos estudos; iii) analisar os desafios enfrentados na trajetória escolar desses estudantes no presente, destacando o fenômeno da permanência escolar.

No que concerne ao primeiro objetivo, podemos concluir que as narrativas dos idosos da EJA dos dois municípios alagoanos mencionados anteriormente, são carregadas de significados e vivências semelhantes, sobretudo no que refere às trajetórias e permanência escolar. Os dois sujeitos idosos viveram situações semelhantes de exclusão social, pobreza e negação do direito à educação em tempos passados.

As memórias escolares desses sujeitos traduzem a ausência da educação na infância e as dificuldades vivenciadas devido a grande quantidade de irmãos, em que o mais velho

precisava trabalhar para auxiliar seus pais e seus irmãos, sendo privados de estudar, pois o trabalho era mais importante para suprir as necessidades básicas. Os dois idosos da referida pesquisa participaram do Mobral, que foi marcado por uma educação tecnicista e com a finalidade apenas da formação da mão de obra. Apesar dessa entrada na fase escolar, ambos tiveram que interrompê-la pelo mesmo motivo anterior.

No que se refere ao segundo objetivo, é possível afirmar que as dificuldades vivenciadas por esses idosos em tempos passados, sobretudo no que tange a base familiar e socioeconômica trouxe impedimentos diversos, de modo que quando crianças não tiveram nenhum suporte legal. Suas narrativas evidenciam tais dificuldades que passaram na infância e na juventude, tendo que optar pelo trabalho em vez dos estudos, pois as necessidades básicas se faziam mais urgentes e necessárias.

Tal problemática nos levou a refletir que a educação, como sendo um direito fundamental e essencial do indivíduo, foi negada, colaborando com a privação de uma melhor qualidade de vida e com um processo de sofrimento intenso de invisibilidade social.

A respeito do terceiro objetivo, considera-se que para esses idosos a não conclusão da escolaridade no tempo posto como “ideal” desencadeou por vezes, condições sociais desafiadoras. Não diferente, o retorno ao âmbito escolar não isenta que o sujeito se depare com alguns obstáculos e desestímulos por parte da sociedade. Contudo, a escola atua como inerente no processo de rompimento de estereótipos equivocados sobre a velhice, uma vez que possibilita um envelhecimento ativo e produtivo, possibilitando recuperar o sentimento de realização pessoal desses sujeitos. Na visão dos idosos entrevistados, a escola é um espaço que proporciona sociabilidade, bem estar, interação, autoestima, distração e prazer. Mas, acima de tudo, possibilita a realização de sonhos.

Assim, como expresso nas narrativas, percebe-se que a permanência escolar está rodeada de estímulos impulsionadores, como por exemplo, o incentivo da família para o retorno à escola e o fortalecimento do convívio social. No entanto, os relatos colhidos, enfatizaram uma motivação ainda maior, um estímulo subjetivo, relativo ao desejo e ao sonho de concluir o processo de escolarização. Compreendemos que o sonho é o que encoraja, desperta a vontade, instiga e motiva que esses idosos mantenham-se ativos na sociedade, como sujeitos sociais que estão em contínuo processo de desenvolvimento, apropriando-se de novos conhecimentos, habilidades e cultura.

REFERÊNCIAS:

- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, v. 4, São Paulo, 1993, p. 277-284.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOTH, A. Escola e currículo: para uma pedagogia da qualidade de vida e da velhice ativa. In: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A. (Orgs.). *Educação e envelhecimento humano*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006, p. 31-44.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 abr. 2024.
- COURA, Isamara Grazielle Martins. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a Terceira idade na educação de jovens e adultos. 31a Reunião Anual da Anped, Caxambu, 2008.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 2 Jun. 2024.
- Brasil: ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: [L10741 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10741.htm). Acesso em: 25 Jun. 2024.
- FONSECA, Maria da C. dos Reis. Educação matemática e EJA. In: *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.
- FREIRE, Ana Maria. A. (Org) *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. *A invenção de uma bela velhice: projeto de vida e busca da felicidade*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2022.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). *Documentação do censo 2022*. Maceió: IBGE, 2022. Disponível em: [Panorama do Censo 2022 \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/censo2022). Acesso em: 25 Jun. 2024.
- Macêdo, Rúbia de Oliveira. *A contribuição do Movimento Brasileiro de Educação – MOBREAL para a educação de adultos no Brasil no período do regime militar*. Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE – João Pessoa, 2014.
- OLIVEIRA, Maria M. de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PEREIRA, Jaqueline Mary Monteiro. A escola do riso e do esquecimento: idosos na educação de jovens e adultos. *Educação em foco*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 11-38, set./fev. 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. (6 ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.